

ESPIRITUALIDADE DO AGENTE DE PASTORAL

Ms. Pe. Ari Antonio dos Reis¹

INTRODUÇÃO

Este artigo reflete sobre a espiritualidade que sustenta a vida e compromisso do Agente de Pastoral, pessoa que, em nome da sua fé, se dedica à ação Evangelizadora, como discípulo missionário, em um serviço gratuito em vista do Reino de Deus.

A experiência de espiritualidade decorre do testemunho deste Reino em uma realidade que se transforma devido à mudança de época ou de uma profunda crise de civilização, em que os critérios considerados fundamentais das relações humanas e com o mundo criado são relativizados, gerando situações de anti-Reino. É possível acrescentar a iluminação que o Papa Francisco lançou a partir da Encíclica *Laudato Si* – LS, sobre o cuidado com a casa comum, lembrando que questões sociais e a questão ambiental estão imbricadas². Implica em cuidar das pessoas, sobretudo os pobres e excluídos e, cuidar da nossa casa comum. É comum porque todos moramos nela e dependemos dela. Este é o chão no qual a Agente pisa e se desafia anunciar o evangelho, marca constitutiva da sua espiritualidade.

Primeiramente, o texto trata do ponto da partida da missão do Agente de Pastoral, a saber, a condição de batizado, enquanto pessoa mergulhada na proposta de Jesus. Em seguida, se refletirá sobre o princípio de que a missão parte da fé em Jesus e se configura a Ele, o que se traduz em um fundamento de espiritualidade. Serão elencadas algumas dimensões desta fundamentação espiritual na pessoa e na proposta de Jesus Cristo.

¹ Professor da ITEPA Faculdades. Presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo – RS.

² Cf. *Laudato Si* - LS 49.

Finalmente, serão apresentados os horizontes e os desafios do Agente de Pastoral quanto à espiritualidade fundamentada no seguimento de Jesus Cristo no compromisso do anúncio do Reino.

1 - O AGENTE DE PASTORAL: PESSOA QUE ASSUME A PROPOSTA DE JESUS ENQUANTO BATIZADO

A Igreja, na missão evangelizadora, conta com inúmeros Agentes de Pastoral que dispõem seu tempo e seus dons a serviço da evangelização. Estes Agentes assumem papéis e funções diferenciadas. Existem diversos tipos de Agentes de Pastoral: ministros ordenados e não ordenados (leigos, religiosos/as). Todos são membros do Povo de Deus, formando uma só Igreja. Participam de igual modo, enquanto Povo Sacerdotal do único Sacerdócio de Cristo³ e aprofundam esta participação no compromisso do seu seguimento pela diversidade de dons colocados a serviço⁴, sob a inspiração do Espírito Santo. Segundo o *Documento de Aparecida* são os “os cristãos que estão incorporados a Cristo pelo batismo, que formam o povo de Deus e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo sua condição, a missão de todo povo cristão na Igreja e no mundo⁵”. A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma Instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus⁶. Ressalta-se que, em grande parte

Existe uma espiritualidade que sustenta essa missão assumida pelo Agente de Pastoral, uma base que permite que ele avance no compromisso pessoal, contribuindo com a missão da Igreja. Tudo se faz em comunhão com a Igreja, que tem a tarefa de testemunhar o Ressuscitado no mundo, marcado por um profundo processo de transformações. Segundo afirmação do Documento de

³ LG 10.

⁴ Cf. 1Cor 12,4-11.

⁵ DAp 209.

⁶ EG 110.

Aparecida: “os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas”⁷. Essas mudanças influenciam a missão do Agente de forma profunda e em fatos dos quais eles não têm o domínio porque “essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião”⁸. No contexto de mudanças profundas, faz-se necessário manter o testemunho de fé, visto que esta permite a serenidade e a sobriedade na condução da vida e da militância, apesar das dúvidas.

Em uma realidade em constante transformação, onde os critérios de orientação da vida cristã e cidadã passam a ser questionados, como manter a fidelidade aos princípios do agir cristão fundamentados no Reino anunciado por Jesus? Esta fidelidade já é um princípio de espiritualidade. Existem outros caminhos, mais tranquilos, mas fáceis de serem assumidos. Seriam estes caminhos condição de fidelidade ao Cristo crucificado e ressuscitado? Jesus diz que este é o caminho do mundo e não o Seu caminho (Jo 17,16). Mas é a este mundo que os discípulos são enviados para dar o testemunho e levarem outros a acreditar na Palavra do Salvador (Jo 17,20). É uma tensão que vai perpassando o trabalho evangelizador.

O Agente de Pastoral lê a sua missão a partir da sua compreensão como **batizado**, mergulhado na comunidade cristã e incorporado a Jesus. O Batismo é a porta de entrada de um longo caminhar na condição de discípulo de Jesus. O episódio do batismo de Jesus lembra a manifestação do Pai e a descida do Espírito Santo⁹. A partir daí, Jesus começou a sua caminhada de anúncio do Reino¹⁰ e constituiu o grupo dos Doze que o acompanhavam,

⁷ DAp 33.

⁸ DAp 35.

⁹ Cf. Mc 1,10-12.

¹⁰ Cf. Mc 1,14.

primeiramente na condição de discípulos e mais tarde como anunciadores do Reino (Mt 10,1ss).

Todo o ser humano foi chamado à vida. Foi também chamado à pertença eclesial pelo Batismo. A constituição *Lumen Gentium*, que trata da Igreja, assim define o batizado: “pois os batizados pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, para que todas as obras do homem cristão ofereçam sacrifícios espirituais e anunciam poderes d’Aquele que os chamou a sua admirável luz (...) por toda parte deem testemunho de Cristo. E aos que o pedirem deem razão da sua esperança da vida eterna”¹¹. Enquanto batizada, a pessoa é acolhida pela Igreja. Faz-se membro do Povo de Deus, inserido na comunhão com a Santíssima Trindade e assume o compromisso de anunciar o Reino. É chamado a servir na obra evangelizadora da Igreja¹². Isso implica apresentar Cristo a quem não O conhece ou a quem perdeu o sentido da fé, conforme recorda o Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium*¹³ - EG. Essa missão, vale insistir, é compromisso de todos os cristãos. É o serviço prestado a partir e, em nome da fé, como garante o Apóstolo Paulo ao expressar: “ai de mim se não evangelizar” (1Cor 9,16).

O Papa Francisco ensina que o cristão que se encontrou com Jesus Cristo, assume a tarefa de ajudar outros a dar esse passo, sabendo que tudo é obra de Deus e Jesus é o primeiro e maior evangelizador¹⁴. Isto não exime a pessoa desta tarefa grandiosa. Jesus, aquele que permite o encontro com Ele, envia também para a missão como enviou seus discípulos¹⁵. A centralidade dessa missão é o anúncio do Reino, mediado pela prática do bem.

¹¹ LG 10.

¹² Cf. LG 11

¹³ Cf. EG 14.

¹⁴ Cf. EG 12.

¹⁵ Cf. Lc 9,1-6.

Neste mundo, marcado pelas mudanças profundas, a autocompreensão como discípulo missionário, permite avançar mesmo nas tensões porque a tarefa é grande. Faz-se necessário o testemunho que mostre para as pessoas que são possíveis outros caminhos. O Agente não pode desanimar, acomodar-se, porque sua missão parte do mundo em mudança, mas se estrutura Naquele que venceu o mundo, porque amou este mundo (Jo 16,13).

Na condição de batizado incorporado a Cristo, o Agente de Pastoral se autocompreende como enviado para servir a obra de Jesus. E faz isso em diferentes condições e situações, assim como são diversas as necessidades da missão evangelizadora.

O serviço é um aspecto importante na espiritualidade do Agente de Pastoral. Em várias passagens dos Evangelhos, Jesus lembrava aos discípulos a necessidade de se assumirem como servidores. É significativa a menção do capítulo 13 do Evangelho de João. Eram os momentos finais do Mestre com o grupo. Na atitude de lavar os pés dos discípulos, quis deixar simbolizada esta condição para o seu seguimento.

O Agente de Pastoral é um servidor, mergulhado na caminhada cristã para servir e, no serviço, encontra a liberdade da prática cristã. Assim, experimenta a alegria missionária de partilhar a vida com o povo fiel de Deus, procurando acender o fogo no coração do mundo¹⁶.

Este ponto de partida é fundamental para que se compreenda a espiritualidade do Agente de Pastoral. Tudo começa com a sua compreensão de batizado, mergulhado no projeto de Jesus. Desta referência assume o compromisso evangelizador, atuando em um mundo marcado por transformações profundas, tendo necessidade de garantir o acento comunitário e servidor da sua missão. A espiritualidade do Agente de Pastoral considera este fundamento sob o risco de uma condução de vida rompida com o princípio básico do Cristianismo: estar em Jesus. Anunciar Jesus

¹⁶ EG 271.

enquanto caminho espiritual, compreende esta consciência de batizado.

2 - MISSÃO DO AGENTE DE PASTORAL: CONFIGURAR-SE A JESUS

O Agente de Pastoral, consciente da sua pertença ao discipulado de Jesus Cristo e à comunidade cristã, sente-se desafiado a dar um passo a mais. Implica em viver o compromisso cristão de uma forma mais consistente. Poderia se dizer, mais militante. Militante é aquele que acredita em uma causa e se esforça para que ela se torne realidade. O Evangelho de Lucas no capítulo 10, narra o envio dos “setenta e dois” para a missão. O evangelista quis revelar para sua comunidade a universalidade da missão, que está além da atuação missionária dos Doze. Essas pessoas estavam com Jesus e são enviadas por Ele para a missão. Este é o desafio da “Igreja em saída” que o Papa Francisco tem enfocado com tanta insistência¹⁷.

Sair é comprometer-se em estar em outra realidade, na qual não se tem o domínio pleno. É a novidade que provoca, gera tensão, mas que pode fazer crescer. Estando com Jesus, os discípulos viveriam o discipulado em uma dimensão na proximidade com Jesus. Provocados a sair, enviados em missão¹⁸, foram enfrentar outra realidade, certamente mais desafiadora. Foram para a missão, porque estavam convencidos da sua validade. Este convencimento os levou a sair. A espiritualidade tem a ver com estar convencido de algo, a ponto de dar outros passos, a partir deste convencimento primeiro, porque o amor de Cristo nos impele¹⁹.

Por vezes, a travessia provoca contrariedade e insegurança, sobretudo quando se dá o enfrentamento de realidades

¹⁷ EG 24.

¹⁸ Cf. Lc 10,1.

¹⁹ EG 9.

difíceis²⁰. Diante disso, é importante parar e reconhecer que Jesus está junto na missão e ajuda nas travessias, especialmente as mais difíceis (Mt 14,27). A configuração a Jesus provoca a noção de que não é possível caminhar sem voltar-se constantemente a Ele, a motivação primeira da evangelização e do trabalho do Agente de Pastoral.

2.1 - JESUS CRISTO, NOSSA MOTIVAÇÃO PRIMEIRA

A missão do Agente de Pastoral parte do compromisso com Jesus. Mergulhado no seu projeto pelo Batismo e amadurecido na fé, segundo a graça do Sacramento da Confirmação, o Agente vai assumindo um processo de maturação da sua fé. Contudo, o foco é o encontro pessoal com Jesus. Os Evangelhos revelam as diferentes leituras deste encontro. Os Sinóticos falam de um chamado, a acolhida ao chamado e uma caminhada de discipulado marcado pelo ensino, descobertas, tensões, enfrentamentos, alegrias e partilhas. Era a caminhada necessária que os discípulos estavam fazendo.

O texto de João revela um encontro único²¹. A alguns foi apresentado Jesus como o “Cordeiro de Deus”, O seguiram, ficaram com Ele e assumiram o discipulado. O conhecimento foi se aprofundando até assumirem a causa de Jesus, como a sua causa, o Reino anunciado como o seu Reino. O discurso de Pedro, logo após a crucificação-ressurreição, revela este comprometimento profundo com a proposta de Jesus. Disse Pedro: “Deus ressuscitou este Jesus e todos somos testemunhas disso (...). Portanto, que toda a Casa de Israel saiba com plena certeza: esse Jesus que vocês crucificaram, Deus o tornou Senhor e Cristo²²”.

²⁰ Cf. Mt 14,24.

²¹ Cf. Jo 1,35ss.

²² Cf. At 2,22-36.

Em continuidade ao compromisso assumido pelos Apóstolos e pelas primeiras comunidades cristãs²³, o Agente de Pastoral assume o compromisso do anúncio do Reino. É o compromisso evangelizador assumido, porque já se encontra mergulhado e abraçado por Jesus e quer que outros façam a mesma experiência, pois o bem tende a se comunicar. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros²⁴.

O Agente de Pastoral é instrumento para o anúncio do Evangelho. Faz isso impelido pelo amor de Cristo, sabendo que Ele é o primeiro e maior evangelizador²⁵. Ajuda muito estar convencido que tudo é obra de Deus. Ele tem a primazia. Na Sua bondade e abertura chama o Agente de Pastoral para cooperar com Ele na força do Espírito Santo. Esta convicção permite não cair no erro de pensar que a inteligência e a racionalidade são as únicas via na missão evangelizadora. Parte-se de Jesus, inspirado e acompanhado pelo Pai.

A missão do Agente de Pastoral se faz impregnada da presença de Jesus Cristo, porque se sente amado por Ele. Sobre este amor diz o Papa Francisco: “um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria?”²⁶. É um sustentáculo espiritual inestimável, porque mantém o seguimento onde o Agente sente-se sujeito da sua vida e da missão, contudo um sujeito sustentado por Aquele que é a sua causa primeira, a tal ponto que provoca o desejo de comunicá-lo, porque se ele é missionário, é porque Jesus o impeliu a este passo e, a medida da caminhada vai se convencendo disso.

²³ Cf. At 2,42-47.

²⁴ EG 9.

²⁵ EG 10.12.

²⁶ EG 264.

2.2 - AUTOCOMPREENSÃO COMO DISCÍPULO

A autocompreensão como discípulo é outro critério importante na caminhada espiritual do Agente de Pastoral. Outrora foi lembrada a condição de discípulos dos Doze que estavam com Jesus e dos Setenta e dois, segundo o texto de Lucas, que foram enviados em missão. Discípulo é a pessoa que está em processo de aprendizagem, de descoberta. Não se considera pronta, mas em busca. Costuma-se dizer que humanamente estamos sempre aprendendo, descobrindo coisas novas no processo da vida. Não aprende quem se fecha ao conhecimento.

A prática cristã também considera este critério. O discipulado faz parte da missão do Agente de Pastoral. Enquanto discípulo precisa estar com Jesus e compreender a sua proposta. O afastamento ou a falta de convicção, gera o medo, a insegurança e o risco de sucumbir frente aos ventos contrários da travessia missionária (Mt 14,26ss).

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco lembra o princípio do discipulado, enquanto uma constante na vida do Agente de Pastoral: o verdadeiro missionário não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha, fala, respira e trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, falta-lhe força e paixão²⁷.

A autocompreensão como discípulo permite a humildade de empreender a busca, a serenidade de aprender com os erros, a abertura de partilhar saberes e descobrir outros saberes, a paciência de conviver com o diferente e a convicção de que o caminho se faz caminhando e também aprendendo, descobrindo o mistério do Reino.

²⁷ EG 266.

2.3 - ABERTURA À AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Um dos momentos fortes da celebração do Sacramento da Crisma é a invocação ao Espírito Santo. Implica que a pessoa, confirmada na sua fé, disposta ao compromisso evangelizador, contará com a força que vem do alto, assim como os cristãos dos primeiros séculos²⁸. Nisto se configuram a Jesus Cristo que após o Batismo, recebeu o Espírito Santo (Mc 1,10) começando sua jornada missionária. A abertura ao Espírito Santo diz para o Agente de Pastoral que ele, mesmo com empenho, força de vontade, criatividade e tantos outros atributos, precisa contar com a “força do alto”.

O Papa Francisco, no capítulo V da Exortação *Evangelii Gaudium*, sob o título “Evangelizadores com Espírito” trata dessa questão, caracterizando como “evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo²⁹”. Escreve o Papa: “No Pentecostes o Espírito Santo faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transformados em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua³⁰”. A saída de si mesmo está na perspectiva do encontro com outros povos para evangelizar, a descentralização, mas também a compreensão de que não se pode nada sozinho, sem contar com a força do Espírito Santo.

Isto é importante porque permite a superação da tentação, mencionada anteriormente, de reduzir a ação evangelizadora à uma obra meramente humana. O Papa Francisco afirma ainda que a primazia na obra evangelizadora é de Deus, e nós somos seus colaboradores³¹. O Acolhimento ao Espírito Santo segue esse princípio que se deve fazer consciência permanente sob o risco do vacilo diante da grandeza da tarefa contraposta às limitações humanas. Muitos projetos ruíram, porque em determinado

²⁸ Cf. At 2,3.

²⁹ EG 259.

³⁰ EG 259.

³¹ EG 12.

momento contou-se em demasia com a força humana, mas com pouco apelo e confiança na ação divina. O Agente de Pastoral compreende que “o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo tempo e lugar, mesmo contracorrente³²”.

Esta presença inefável vem ao encontro da fraqueza humana do Agente (Rm 8,26) diante da necessidade de responder ao compromisso do seguimento de Jesus Cristo. A invocação ao Espírito Santo frente à missão é busca do algo a mais que tantos estão carentes e, por isso, sucumbindo. O Papa pede que invoquemos o Espírito Santo apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã, porque Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova não somente com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus³³, visto que a missão é humana, enquanto tarefa delegada pelo Pai, em Jesus Cristo, na força do Espírito Santo.

2.4 - PARTILHAR A VIDA E A MISSÃO

Um dos acentos fundamentais da vida cristã é a **comunidade**. A fé cristã amadurece e é confrontada na experiência comunitária. Um dos sinais da gravidade deste princípio é a vida sacramental. Ela compreende a experiência comunitária. Jesus Cristo, já no início da missão na Palestina, chamou doze homens para estar com Ele e enviá-los em missão. Seguiram um itinerário de conhecimento, descobertas e fortalecimento do compromisso com o Reino.

Os fatos marcantes das primeiras comunidades cristãs aconteceram quando a comunidade estava reunida. Lembramos acima o evento de Pentecostes. Podemos citar outros: Os discípulos de Jesus, nos primeiros tempos, formaram uma pequena comunidade, na qual Maria estava presente (At 1,12-14); a decisão

³² EG 259.

³³ EG 259.

de escolher um substituto para Judas Iscariotes foi debatida na comunidade (At 1,23-26). A decisão de escolher pessoas para o atendimento aos necessitados foi assumida na comunidade (At 6, 1-7). O apóstolo Paulo baseava a sua tarefa missionária na fundação de comunidades e escrevia cartas para estas, visando ajudá-las no discernimento e seguimento de Jesus Cristo.

Estes fatos são narrados para recordar que a missão evangelizadora, mesmo fundada no compromisso pessoal daqueles que fizeram a experiência do encontro com Jesus e decidiram comunicar a outras pessoas, não tem força no acento individualista. Ela é tarefa comunitária. É fundamental para a espiritualidade do Agente de Pastoral assumir e viver a pedagogia do trabalho comunitário, de aprender a partilhar sua missão com outras pessoas. Jesus enviou os discípulos para missão dois a dois (Lc 10,1-12). Paulo fazia questão de ter consigo companheiros na tarefa missionária (At 13,3.13; 15,35; 16,1). A partilha do compromisso evangelizador com outro Agente, com a comunidade, ajuda a entendermos que a tarefa, mesmo com acento pessoal, não se funda no individualismo, mas na partilha do compromisso evangelizador. Esta confronta, fortalece e enriquece o Agente de Pastoral.

O Agente de Pastoral precisa precaver-se da tentação de ser o centro do processo, de imaginar que tem respostas e soluções para todas as dificuldades. A experiência trinitária de comunhão sugere o caminho possível da missão evangelizadora.

2.5 - FORMAÇÃO E ABERTURA AO NOVO

Era significativa a noção que Jesus tinha da necessidade de formar seus discípulos. O chamado foi o primeiro passo de um processo formativo marcado por conflitos e tensões. Essas situações faziam parte da caminhada. Era ocasião para Jesus ajudar seus companheiros a entenderem a profundidade da missão. As iniciativas humanas, seja qual for a dimensão, exigem um processo

formativo que parte da ideia de que a pessoa não nasce sabendo. Vai se formando a medida que caminha.

A Igreja do Brasil está se desafiando ao aprofundamento da Iniciação à Vida Cristã, o que compreende o conhecimento da pessoa de Jesus e sua proposta. É um primeiro desafio que se alia aos outros, pois todo o cristão tem o direito de saber o que crê e procura aprofundar-se, conhecendo cada vez mais o conteúdo da sua crença³⁴.

O Agente de Pastoral se forma na missão, na caminhada evangelizadora. Foi este o processo formativo de Jesus e de seus discípulos no trajeto da Galileia para Jerusalém. Os diferentes caminhos de formação são oportunidades importantes que qualificam o Agente pessoalmente, enquanto cristão e para a missão.

A espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo compreende esta abertura aos processos formativos nas suas diferentes dimensões. O fechamento à formação, o compreender-se pronto sem a necessidade de aprender, sugere o aniquilamento da pessoa e o risco de perder-se na caminhada e a negação de uma dimensão importante da condição humana, a abertura ao “ser mais” que implica no “saber mais”.

O fechamento ao conhecimento implica consequentemente em atitudes autoritárias na relação com os outros. A pessoa que não buscou mais, pode se apegar ferrenhamente a posturas que considera corretas, mesmo que estejam desligadas do ciclo vital do processo evangelizador. De forma equivocada, faz uso do autoritarismo para sustentar suas posturas. Não dialoga com medo de perder a pretensa autoridade. O que pesa é o medo de assumir novas propostas e ideias. A condição de aprendiz, a noção de sempre estar descobrindo coisas novas, ajuda a pessoa a situar-se nos processos de forma humilde e aberta ao diálogo.

³⁴ FISICHELLA, Rino. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 59.

Tratou-se acima de alguns tópicos que fundamentam a espiritualidade do Agente de Pastoral a partir da condição de discípulo, desafiado ao seguimento de Jesus Cristo. É um dinamismo provocativo e necessário, em vista de qualificá-lo para o anúncio da Boa Nova do Reino sem que este processo o empobreça, mas que o enriqueça cada vez mais. Contudo, a tarefa evangelizadora sempre desafia a dar um passo a mais, a buscar as águas mais profundas, porque ali estará o significado da ação de quem se encontrou com Jesus, ficou com Ele e decidiu anunciá-Lo. São os horizontes da missão.

3 - HORIZONTE DO REINO A PARTIR DO CHÃO DA VIDA

A espiritualidade do Agente de Pastoral está engajada na tarefa evangelizadora que se efetiva no cotidiano, sem perder o horizonte do Reino anunciado por Jesus. Contudo, esse Reino, “já e ainda não” presente entre nós, efetiva-se pelas mediações, por sinais que ajudam na percepção de já está acontecendo. É a capacidade de olhar longe sem perder o contato com o que está perto. O perto é o cotidiano do trabalho evangelizador, cheio de conflitos e tensões, contudo marcado por riquezas e sinais de um futuro de plenitude. O Agente tem consciência de que a proposta cristã está na origem, no meio e no final do trabalho, provocando, sustentando e plenificando a sua missão.

3.1 - O ENFRENTAMENTO DAS CRISES E CONFLITOS

As crises e os conflitos são realidades próprias do ser humano. Estão presentes também no trabalho do Agente de Pastoral. Vive-se a crise na perspectiva mais pessoal, no sentido de que o Agente é um ser humano com potencialidades e imperfeições e no processo da sua vida e da missão essas condições podem se manifestar. Emergem dois riscos: a dificuldade de trabalhar com a

crise ou a falsa convicção de que se é imune a ela ou passará incólume por uma realidade de crise.

Os Apóstolos Pedro e Paulo, duas colunas da Igreja, viveram crises enquanto seguidores da proposta de Jesus. A negação de Pedro se deu diante da percepção do fracasso do projeto de Jesus explicitado na prisão do Mestre. Isto gerou nele uma grande crise (Mt 26,74). Foi necessário retomar o diálogo e os laços com o Ressuscitado, reconhecendo que o amava, apesar da sua fraqueza, ou seja, amava e seria fiel na sua condição humana (Jo 21,17) até que Jesus o confirmou na missão. A situação que Pedro vivenciou ajuda o Agente de Pastoral a reconhecer a sua humanidade e fragilidade, não como consolo, mas como condição a ser trabalhada na perspectiva de uma fé que vai amadurecendo nas tensões e dificuldades pessoais.

Paulo viveu a seu modo esta condição. Era próprio de sua personalidade a profunda convicção do que pregava e fazia. Em muitos momentos manifestou esta fidelidade a Jesus. Contudo, sofria diante das imperfeições de sua personalidade. Manifestou isso também ao dizer que não fazia o bem desejado, mas praticava o mal indesejado (Rm 7,15). A experiência de Paulo sugere ao Agente um referencial diante das dificuldades frente ao projeto. Ele, Pedro e todo o Agente que assumem um caminho de discipulado têm Jesus como referencial³⁵.

Diante das crises pessoais e das dúvidas, cabe lembrar a condição humana, não como consolo, mas no desafio de buscar mais; dar outro passo. É possível pela condição humana de ser mais e com força que vem da fé. A caminhada espiritual compreende o Agente de Pastoral como uma pessoa em processo de santificação, sujeito a crises, contudo aberto a descobrir-se e a descobrir a força Daquele que o chamou primeiro. Isto não acontece de uma forma

³⁵ Cf. Fl 2,1ss.

mágica, mas como processo de amadurecimento da fé. As crises podem estar ligadas à compreensão da missão³⁶.

Tomamos a crise no aspecto pessoal. No caso dos conflitos, é possível fazer a leitura na perspectiva comunitária. Os conflitos são próprios das relações humanas e dos processos que se estabelecem na tentativa de se assumir um projeto. Existem conflitos de projetos, de condução de projetos; também ligados às decisões, às pessoas, às leituras diferentes de mundo. São diferentes os fatores geradores de conflito. Eles não são segredo no decorrer dos processos. A questão é o enfrentamento, como o Agente enfrenta os conflitos, e como isso ajuda no seu itinerário de fortalecimento espiritual.

Três princípios ajudam superar os conflitos. Primeiro, não ignorar, mas fazer uma leitura e averiguar o grau de influência no trabalho evangelizador. Isto dará as condições e a metodologia de como trabalhá-lo. Jesus, em vários momentos da missão, fez distinção dos conflitos e, a partir deste, se dava o encaminhamento, seja com os discípulos, com a multidão ou com os adversários do seu projeto. Segundo, agir com espírito fraterno, pois no meio dos conflitos estão pessoas. Implica em trabalhar o conflito sem perder as pessoas nele envolvidas. Lembrar que o espírito fraterno não elimina o compromisso com a verdade e a justiça. Terceiro, não permitir que o conflito coloque em risco uma proposta maior, o compromisso com o Reino. Neste sentido, a orientação de Jesus, quanto à prudência e a simplicidade³⁷, é necessária.

A atitude correta diante das crises e conflitos ajuda o Agente de Pastoral a assumir um processo de amadurecimento espiritual, onde se compreende como sujeito da sua vida e pessoa em formação. Também ajuda nesta compreensão o que o Papa Francisco fala sobre “sair de si mesmo em direção aos outros,

³⁶ Para aprofundamento, sugere-se a leitura dos parágrafos 81 a 101 da Exortação *Evangelii Gaudium*.

³⁷ Cf. Mt 10,16.

porque isto faz bem³⁸”. O diálogo e a convivência fraterna com os outros contribui para a superação destas dificuldades que eventualmente aparecem no caminho evangelizador.

3.2 - SER SAL E LUZ

A ação do Agente de Pastoral se dá em uma realidade marcada por profundas transformações, já tratadas no início deste texto. O Documento de Aparecida e, posteriormente, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015) as tratam como o fenômeno da mudança de época, ou seja, a estruturação de outras perspectivas de relação e leitura com o mundo que estabelecem certa ruptura com os processos anteriores. Este é o contexto de ação do Agente de Pastoral, um contexto desafiador, mas que não o inibe, porque é neste mundo, marcado por transformações, contradições, possibilidades e negações que ele age e a sua ação é prenúncio do agir salvífico de Deus³⁹. Este caminho é um caminho espiritual onde se dá o encontro com Jesus, com o mundo e com o outro.

O ponto de partida do trabalho do Agente de Pastoral é a convicção de fé em Jesus Cristo que convida a “ser sal da terra e luz do mundo⁴⁰”. Compreendem-se estas duas premissas evangélicas como orientadoras de uma prática enraizada na proposta de Jesus e comprometida em testemunhar o Reino em uma realidade de mudanças que deixam marcas na vida das pessoas, sobretudo nos pobres. O testemunho de ser sal e luz é marcado pela solidariedade, misericórdia e compromisso com os mais fragilizados, na maioria das vezes, vítimas desta realidade em transformação. Ser sal e luz tem vias concretas de viabilização que perpassam a capacidade de contemplar os rostos dos que sofrem,

³⁸ EG 87.

³⁹ SCHILLEBEECKX, Edward. História humana e revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1997. p. 30.

⁴⁰ Cf. Mt 5,13.

não mais excluídos, mas considerados descartáveis pela sociedade⁴¹.

Também exigirá do Agente a atenção constante aos fatos do cotidiano que provocam o agir cristão. Diante desses fatos, urge discernir e agir sob a luz do Espírito Santo em fidelidade à proposta de Jesus Cristo “porque o Evangelho nos convida sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa, permanecendo lado a lado⁴²”.

3.3 - ACOLHER O PRINCÍPIO COMUNITÁRIO

O Agente de Pastoral, mergulhado na proposta de Jesus, ungido para a missão, vive o compromisso de fé, sal e luz, ligado à Igreja. A espiritualidade compreende a consideração ao princípio da eclesialidade, não como fim, mas como mediação da sua missão. Implica em compreender que não é possível articular processos assentados no individualismo, mas comprometer-se com a pertença e participação comunitária. Na visão bíblica, o ser humano não é concebido como indivíduo isolado e autônomo. Ele é membro de uma comunidade, faz parte do povo da aliança, encontra sua identidade pessoal como membro do Povo de Deus⁴³.

A experiência comunitária, marca da espiritualidade cristã, está nas origens do Cristianismo (At 2,42-47). Paulo e os outros missionários, após o anúncio, fundavam comunidades⁴⁴ para que pudessem viver e dar testemunho de Cristo Ressuscitado. Essas primeiras comunidades de cristãos são inspiração para toda a comunidade que pretenda ser discípula-missionária de Jesus Cristo. Para tanto, seus membros prestarão culto devido a Deus, cuidarão uns dos outros, formarão comunidades de amizade e caridade,

⁴¹ DAp 65.

⁴² EG 88.

⁴³ CNBB. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia, doc. 103.

⁴⁴ Cf. Rm 16,3-9.16.22-27.

partilharão bens, serão fiéis à doutrina dos Apóstolos e viverão na comunhão da Igreja, se comprometerão com a missão de anunciar e testemunhar Jesus, o Cristo⁴⁵.

Viver em comunidade é graça e compromisso. Agir em comunidade e segundo o princípio comunitário é condição do testemunho cristão e supõe a atenção para os riscos de romper com este princípio. O Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium*, capítulo II, intitulado “a crise do compromisso comunitário”, trata de alguns desses riscos. Destacamos um deles descritos pelo Papa: “hoje nota-se que em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade⁴⁶”.

A comunidade como lugar teológico e eclesial, ajudará o Agente a viver a fidelidade a Jesus, fundamento da espiritualidade. Para tanto, um desafio importante é mostrar que a solução nunca consiste em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo se comprometa com os outros⁴⁷. É a proposta que ajuda no amadurecimento espiritual. Talvez não seja a mais tranquila, contudo é a mais lúcida e necessária, porque permite a descoberta de Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado, quando recebemos agressões injustas ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade⁴⁸. No desafio de ser sal da terra e luz do mundo o compromisso comunitário educa, compromete e fortalece a espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo.

⁴⁵ Op cit. 104.

⁴⁶ EG 78.

⁴⁷ EG 91.

⁴⁸ EG 91.

3.4 - ACOLHER A DIMENSÃO ECOLÓGICA DA ESPIRITUALIDADE

Está é uma dimensão de acento histórico, contudo negligenciada nos últimos séculos. A encíclica *Laudato Sí* contribuiu para que o caminho de recuperação deste viés de espiritualidade característico da Igreja ganhasse novamente forte impulso. E isto surge não como um modismo, mas como necessidade do ser humano na sua tarefa de cuidado do próximo e da “casa comum”. A espiritualidade não está desligada do próprio corpo, nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia⁴⁹. Tal perspectiva permitirá uma nova relacionalidade com a humanidade e com o mundo criado, superando a cisão estabelecida pelo paradigma tecnocrático. Surge um referencial de ação: a atenção aos pobres e a terra empobrecida porque, segundo o Papa Francisco, uma abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres⁵⁰.

Demanda daqui um reforço significativo na espiritualidade do Agente de Pastoral que permitirá a superação do intimismo, tentação dos tempos atuais, como caminho de salvação. O encontro com o outro na perspectiva do serviço, via ação misericordiosa, se estende para o encontro com a terra onde todos habitamos por certo tempo. Porque “sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem tal capacidade, não se reconhece as outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação que nos rodeia”⁵¹.

⁴⁹ Cf. LS 217.

⁵⁰ LS 49.

⁵¹ LS 208.

Esta dimensão cuidadosa da fé se faz um caminho fértil de espiritualidade, contributiva na superação do individualismo e sinal de que é possível outro caminho de vida. A conversão defendida por João Batista (Mc 1,4) compreende também, nesta perspectiva, a dimensão ecológica, que por sua vez comporta várias atitudes que se conjugam para ativar um cuidado generoso e cheiro de ternura⁵² para com tudo o que Deus coloca no caminho.

Os quatro tópicos trabalhados dizem respeito ao caminho de espiritualidade nos tempos atuais. Demarcam o horizonte porque convidam a olhar para frente, a caminhar. Neste processo vai se fortalecendo uma proposta de espiritualidade. Seria possível trabalhar outros tópicos que ficam aqui enunciados: planejamento e organização para o serviço pastoral, o exercício da profecia nos tempos atuais, o exercício do princípio da misericórdia, a caridade transformadora. São vias importantes da proposta espiritual que vai amadurecendo no olhar para cruz, compromisso de fé: olhar para o outro, solidariedade cristã; olhar para a Palavra, fundamento e orientação; olhar para a Eucaristia, alimento e compromisso. A espiritualidade cristã, nasce, amadurece e se desenvolve em comunhão com a proposta do Reino anunciado por Jesus, tendo presente que viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional, nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa⁵³.

CONCLUSÃO

A grande riqueza da Igreja são seus Agentes de Pastoral, pessoas convencidas do seu compromisso com a evangelização. Este processo já se traduz em uma espiritualidade que vai sendo forjada em meio a tensões, dificuldades, recuos e avanços. Neste texto, seguiu-se a premissa de que o ponto de partida desta

⁵² Cf. LS 220.

⁵³ Cf. LS 217.

espiritualidade é a condição de pessoas batizadas, incorporadas a Jesus Cristo e inseridas na missão evangelizadora da Igreja.

O ponto de referência é a configuração a Jesus Cristo, na qual o Agente vive a condição de discípulo, aberto à ação do Espírito Santo, partilhando a vida e a missão sem fechar-se à renovação que a formação sugere. A configuração a Jesus provoca a percepção do horizonte do Reino a partir do chão da vida, no compromisso de ser sal e luz e acolhendo o princípio comunitário na sua espiritualidade.

Os processos de formação espiritual são próprios de cada pessoa. Contudo, existem referências que contribuem com os mesmos. Tem ficado cada vez mais explícito que Jesus Cristo e o Reino por Ele anunciado se constituem a principal referência de uma espiritualidade encarnada.

BIBLIOGRAFIA

CNBB. Comunidades de Comunidades: uma nova paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014 (Doc. 100).

FISICHELLA, Rino. Introdução à Teologia Fundamental. São Paulo: Loyola, 2000.

Papa Francisco, Exortação Evangelii Gaudium. Brasília: Edições CNBB, 2013.

_____ Carta Encíclica Laudato Si. Brasília: Edições CNBB, 2015.

SCHILLEBEECKX, Edward. História humana e revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1997.